



HISTÓRIA DO POVOAMENTO BOVINO NO BRASIL CENTRAL

**Marcelo Corrêa da Silva¹, Vanda Maria Boaventura,²
Maria Clorinda Soares Fioravanti³**

A espécie bovina foi trazida ao continente Sul Americano no ciclo das Grandes Navegações. O gado vacum chegou com os colonizadores portugueses e holandeses, trazidos em viagens marítimas que partiram da Península Ibérica e da Ilha de Cabo Verde. A maioria era gado europeu (*Bos taurus*), embora já houvesse mestiços de gado zebu (*Bos indicus*). Foi mais ao extremo Sul do Brasil que chegou gado de origem espanhola. A lendária caravela “Galga” ficou registrada em diversos documentos históricos como sendo a transportadora mor de gado bovino oriundo de Cabo Verde e Açores com destino a Salvador, capital da colônia naquela época.

Resumindo os acontecimentos históricos de uma forma simples, podemos dizer que os portugueses transportaram animais para o Brasil após a sua descoberta por Pedro Álvares Cabral. Os primeiros bovinos chegaram ao nosso país, juntamente com outros animais domésticos, apenas em 1533, na Expedição de Martin Alfonso de Souza, que resultou na fundação da primeira Capitania Portuguesa na Ilha de São Vicente. No final do século XVI havia uma grande abundância de bovinos no litoral brasileiro e em todas as Capitânicas Portuguesas. De forma análoga aos conquistadores espanhóis, os portugueses

1. Médico Veterinário, Mestre em Ciência Animal, Doutorando em Ciência Animal, Escola de Veterinária e Zootecnia da UFG. E-mail: <marcelo-correadasilva@hotmail.com>.

2. Jornalista, Fundadora da Associação Brasileira de Criadores de Curraleiro. E-mail: <vandamb77@hotmail.com>.

3. Professora da Escola de Veterinária e Zootecnia da UFG. E-mail: <mariaclorinda@gmail.com>.



partiam majoritariamente do Sul de Portugal, do Cabo de São Vicente no Algarve, e efetuavam paradas para abastecimento nas Ilhas Atlânticas sob seu domínio, especialmente Madeira e Cabo Verde.

Na metade do século XVI, a corte real incentivava a exportação de gado para o Brasil, com destaque para a região do recôncavo baiano, que disseminava gado para o Vale do Rio São Francisco. De Salvador muitos rebanhos foram levados à região de Pernambuco e, dali, para as regiões do Maranhão e Piauí. Aos poucos, com o crescimento da economia na região litorânea, a criação de gado foi se estendendo ao interior do território e o aumento populacional das capitanias hereditárias foi acompanhado pela crescente introdução e propagação de animais domésticos. A cultura pecuária foi sendo impregnada na cultura local, com relatos de curtumes em 1600 e produção de queijo em 1700. Registros documentais dão a entender que algumas vestimentas usadas pelos militares portugueses se assemelhavam com as roupas de couro bovino, usadas pelos cangaceiros nordestinos da atualidade. Além de gado, especialistas da Europa foram trazidos ao Brasil para a confecção e uso dos “carros de boi”, que foram fundamentais para o transporte de pessoas, mercadorias e para a edificação de cidades.

Interiorização dos bovinos no Brasil Colônia

Com a crescente ocupação de terras e o fortalecimento da economia no litoral, a interiorização rumo ao Brasil Central e Nordeste era questão de tempo. Entre os séculos XVII e XVIII, a introdução e disseminação de gado eram correlatas ao crescente populacional humano e à busca por áreas de mineração. A busca por minérios e a captura de índios foram catalisadores do processo de interiorização dos rebanhos bovinos no Brasil Colônia. Contudo, a atividade pecuária só teria maior parte nesse fenômeno com o colapso da indústria mineradora. A tendência da época era a criação de gado rumo ao interior e a produção de açúcar na região litorânea. A bovinocultura seria, portanto, uma economia secundária, mais atuante na infiltração e conquista do território desconhecido. Essa característica coadjuvante da pecuária na história de colonização foi identificada não somente quando comparada com a produção de açúcar e exploração de minério, mas também com o desbravamento em si, com o tráfico de escravos e as estratégias de catequização de índios. Todavia, a pecuária era uma importante fonte de proteína animal nos engenhos de açúcar, e viabilizava a dura jornada dos bandeirantes. Destaca-se aqui a carne seca, carne de sol, carne em conserva e paçoca. A interiorização de povoados e rebanhos foi marcada pelas condições precárias de acesso e transporte, agravadas pela aspereza da Serra do Mar que dividia o litoral e o planalto.

Considerando os aspectos evolutivos, sabe-se que os bovinos que deram origem às raças locais brasileiras vieram de Espanha e Portugal e que os seus deslocamentos, pelas diferentes regiões do país, determinaram processos de seleção natural de distintas populações, adaptadas às condições locais. É importante salientar que raça ou população é o produto de evoluções e adaptações ao longo de séculos, com diferentes pressões de seleção impostas pelo clima, enfermidades, disponibilidade de alimento, além de critérios estabelecidos pelo homem. Portanto, a formação de uma raça está associada à perda de diversidade gênica, nos estágios iniciais, e, posteriormente, à concentração e fixação de algumas características específicas.

No Brasil do século XXI restaram somente cinco raças locais; destas, quatro em risco de extinção. O bovino Caracu fixou-se inicialmente em Minas Gerais e, posteriormente, em São Paulo. No início do século XX, a raça tinha boa expressão na agropecuária brasileira. Em 1900 possuía o maior efetivo populacional dentre

as raças locais, mas por estar abandonada corria o risco de desaparecer. Hoje o Caracu está distribuído praticamente em todo o território nacional, encontra-se fora de risco de extinção e tem competido em igualdade com raças especializadas em qualidade e produtividade.

As raças locais que se encontram em risco de extinção são a Curraleiro Pé-Duro, a Pantaneira, o Crioulo Lageano e a Mocho Nacional. O gado Curraleiro Pé-Duro, adaptou-se as regiões de clima quente e seco do Centro-Oeste e Nordeste, sendo, portanto, muito rústico e resistente. O gado Pantaneiro desenvolveu-se no Pantanal do Mato Grosso e Mato-Grosso do Sul e foi decisivo para a ocupação das extensas áreas alagáveis dessa região. O Crioulo Lageano, habitante do sul do Brasil, adaptou-se às variações climáticas características da região, que correspondem a extremos de frio e calor. Acredita-se que a raça Mocho Nacional tenha surgido no estado de Goiás, no entanto também podia ser encontrada em São Paulo e Minas Gerais. Embora alguns estudiosos sugiram que o caráter mocho tenha surgido em decorrência de mutações no Caracu, considera-se esta hipótese pouco provável. A semelhança fenotípica da raça Mocho Nacional com a raça Caracu fez com que atualmente essa raça esteja sendo registrada pela Associação do Caracu, como “Caracu Variedade Mocha”. Apesar da semelhança fenotípica, os resultados das avaliações genéticas demonstraram que essas duas raças são geneticamente distintas.

O ecossistema e os recursos naturais no Brasil Central

Ao adentrar o Brasil Central, desbravadores e colonizadores se depararam com fitofisionomias diversas, que iam desde o campo limpo, o campo rupestre, campo sujo, Cerrado, mata ciliar, veredas e até a Caatinga. Este vasto espaço abrangia o imponente Planalto Meridional. Incluem-se aqui os muitos frutos que puderam servir para alimentação humana e/ou animal como a marmelada de cachorro, cagaita, goiabas, araçás, fruta do lobo, e as variedades de palmeiras, coqueiros, pindoba entre outros. A paisagem contemplava muitos rios, agrupados na Bacia Amazônica, Bacia do Tocantins-Araguaia e Bacia Platina, que propiciaram água, meio de transporte e de integração. Foram encontrados muitos barrancos de sal onde o gado nutria-se de minerais, como nas margens do rio Araguaia e São Francisco, “rio dos currais”. O rio Tocantins foi responsável pelo estabelecimento de um importante núcleo



minerador que deu origem aos atuais municípios de Crixás, Natividade, Niquelândia, São Félix e Traíras (GO). Foram nas proximidades dos rios que muitas comunidades e criatórios se estabeleceram.

Entre os rios, campos e florestas, as forrageiras tiveram importante papel no incentivo e alastramento da criação de bovinos no Brasil Central. Destaca-se as variedades de capim mimoso, capim marmelada, capim arroz, erva d'anta, entre outros. Na capitania de Porto Seguro foi relatado que plantas tóxicas culminaram na falta de gado para a instalação e operacionalização dos engenhos, exemplo da influência significativa do pasto na história do povoamento bovino. As fartas pastagens, somadas aos minérios e minerais como granitos, quartzitos, ouro, ferro e esmeralda, caracterizaram o ecossistema que serviu de berço para a futura indústria pastoril do Brasil Central. Assim, as poéticas cartas enviadas à corte de Portugal relatavam a abundância de recursos naturais, o que justificava as ousadas e dispendiosas expedições oceânicas, estratégia de expansão capitalista da Idade Moderna.

Ocupação bovina no Brasil Central

O Brasil Central foi povoado, de modo geral, por migrantes do sul, representados pelos bandeirantes paulistas, e por viajantes nordestinos. Isso explica a origem do gado no Brasil Central e sustenta hipóteses sobre a composição genética de rebanhos e raças locais até a data de hoje. Eram as rotas oficiais de escoamento de metal precioso que serviam de referência para a entrada de gado entre São Paulo, Goiás e Bahia, exemplo de quão íntimo foi à história do ouro e a criação de gado no Brasil Central. Foi deste modo que, aos poucos, a criação de bovinos foi se alastrando extensivamente para áreas do interior, incluindo partes de Minas Gerais, Goiás, Piauí, Maranhão,

Ceará e Bahia. A leitura de relatos antigos sugere que os maiores rebanhos no Brasil colônia se localizaram na região da Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul. O Vão do Paranã e imediações, provavelmente a Chapada dos Veadeiros, atual Estado de Goiás, era um polo importante de criação, com relatos de mais de 100 fazendas e 1.500 crias. O rio Crixás Assú, Santa Teresa e o Rio das Almas, atual Goiás, comportavam mais de 3.000 bovinos de jesuítas na metade do século XVIII. Na região de Goiás, a virada do século foi marcada pelas migrações oriundas de Minas Gerais e do Nordeste e por um cenário agrícola de subsistência, estabelecido por aqueles que não retrocederam para o litoral após o declínio da atividade mineradora. No fim do século XVII, o território do atual Estado de Goiás era bastante conhecido e os caminhos estavam descritos nos roteiros que corriam de mão em mão. Contudo, no início do século XVIII, novas descobertas aconteceram e deram início à “corrida do ouro” em direção a Minas Gerais. Isso culminou em uma migração contrária ao fluxo pré-estabelecido e resultou no despovoamento e ruína de muitos engenhos e lavouras. Goiás não escapou deste afluxo súbito. Não obstante, surgiram outros boatos sobre novas minas de ouro nos sertões de Goiás, o “novo Eldorado”. Novos povoados surgiram nesses sertões e quase todo o sul da região estaria povoado em torno de 1737.

A decadência da mineração se consolidou e representou uma transição do regime econômico vigente, com estabelecimento de fazendas de pecuária extensiva. Tal colapso retraiu os centros urbanos e deixou os vilarejos inabitados. Foi, assim, que, no início do século XX, o gado já se tornara a principal fonte de renda na região de Goiás, com destaque ao “Sertão do Amaro Leite”. Percebe-se que a composição e disposição dos povoados no Brasil Central diferiram dos engenhos do litoral, com predominância da pecuária extensiva, ausência de mercado consumidor local, discreta diversificação de atividades e baixíssima concentração de pessoas por área de terra. Goiás foi o território de uma das principais regiões auríferas. Contudo, o nomadismo persistente na busca de novas minas, a extinção dessa atividade, e os conflitos entre índios Avá-Canoeiros e jesuítas, que resultavam no abandono das lavouras e disseminação desordenada de gado, colocam em cheque o real valor disso no desenvolvimento regional. Existem muitos relatos da descentralização de famílias nobres e abandono das propriedades rurais em 1824.

Em uma perspectiva menos remota, destaca-se o advento da Segunda Guerra Mundial, que aumentou a demanda pela carne produzida em países de Terceiro Mundo e culminou no ingresso de frigoríficos estrangeiros no Brasil. Em 1980, a região Centro-Oeste já possuía o maior rebanho do país e atualmente abriga em torno de 35% do rebanho nacional, mais de quatro cabeças por habitante, e uma das principais indústrias de laticínios do país. Na sequência, foi a globalização que acelerou definitivamente a modernização pecuária no Brasil Central, influenciando a quantidade e a qualidade do gado produzido.

O Curraleiro Pé-Duro é o gado típico dos sertões brasileiros, essa raça formou-se em regime de criação superextensivo, com um mínimo de cuidados sanitários e de alimentação, resultando em animais extremamente rústicos, que constituem um importante recurso genético para a pecuária brasileira. É importante destacar que, em 2012, o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento reconheceu e permitiu o registro dessa tradicional raça local brasileira que, embora tenha origem europeia (*Bos taurus*), está adaptada às diversas fitofisionomias dos biomas Cerrado e Caatinga. As raças bovinas Caracu, Canchim, Franqueiro, Gir, Girolando, Guzerá, Holandês, Junqueiro, Mocho Nacional, Nelore, Pantaneiro, Tabapuã são algumas das raças envolvidas no fantástico cenário de povoamento bovino e modernização pecuária no Brasil Central. Entretanto, é irrefutável que os bovinos do grupamento zebuínico (*Bos indicus*) demonstraram estar plenamente adaptados às condições edafoclimáticas do Brasil Central, com maior resiliência a infestações de parasitas, doenças diversas e adaptação às pastagens tropicais, diferentes daquelas da Europa, de clima subtropical. Dentre os bovinos zebuínos, o de maior impacto, neste processo de ocupação do Brasil Central, foi o da raça Nelore. A história descreve que a primeira aparição do Nelore no país teria ocorrido em 1868 quando um navio, que se destinava à Inglaterra, ancorou em Salvador com um casal de animais da raça a bordo; eles teriam sido comercializados, permanecendo no país. Por outro lado, após o advento da biologia molecular e consequente análise do DNA mitocondrial, sabe-se que o plantel de fêmeas do gado “crioulo”, como as vacas Curraleiro Pé-Duro, previamente adaptado, serviu de base para a disseminação do material genético da raça Nelore. Os genes maternos contribuíram, de forma decisiva, para a extraordinária capacidade adaptativa do Nelore, que se tornou, indiscutivelmente, o mais popular bovino de corte no Brasil do século XXI.

Finalizando a exposição sobre a ocupação bovina do Brasil Central, não se pode deixar de citar o historiador Paulo Bertran⁴ ao descrever a formação da raça Tapuã: “Eis que o Planalto fundou, após dois séculos de gerações curraleiras adaptadas ao cerrado, uma nova raça, que vinha unir os grandes e majestosos zebuínos da Índia ao pequeno porém resistente Pé-duro, genética e ecologicamente adaptado aos sertões brasileiros”; trata-se de um exemplo importante de miscigenação, definida pelo homem, e de adaptação, determinada pela natureza, dando origem a uma nova raça bovina.

Conclusão

Percebe-se que, historicamente, o povoamento bovino no Brasil Central ocorreu contextualizado na problemática questão agrária, na fartura de pastagens naturais, escassez de mão de obra, reduzida infraestrutura e investimento. Mesmo assim, sempre representou um importante elo entre as regiões brasileiras, abastecendo o mercado interno. Com a prática e vivência no meio rural, percebe-se que a criação de bovinos no Brasil Central da atualidade carrega ainda fortes evidências do sistema que o originou. Ainda há mentalidade extrativista e singularidades no âmbito social e fundiário, características que configuram paradigmas da bovinocultura brasileira.

Dissertar acerca da história de ocupação do gado no coração do Brasil é adentrar um cenário de múltiplas hipóteses, cartas escritas à mão; é deparar-se também com acontecimentos geopolíticos e socioeconômicos que vão desde os primeiros desbravamentos até o agronegócio atual. O fato de que os bovinos não existiam nas Américas já é informação suficiente para assumir que a ocupação de gado no Brasil Central foi uma espécie de progresso da humanidade, nas suas formas de apropriação da natureza, exploração econômica e sobrevivência. Essa surpreendente história envolve o ser humano, representado pelas suas civilizações, crenças, etnias, preferências e a natureza toda que o cerca.

4 BERTRAN, Paulo. *História da Terra e do Homem no Planalto Central*. Eco-história do Distrito Federal. 1. ed. Brasília: Solo Editores, 1994.